

Inspiração

Arquivística

IMA 41ª edição - Julho / Agosto 2015



Editorial

As relações entre a Arquivologia e as outras áreas de conhecimento são muitas, pois inclusive a área já nasceu interdisciplinar com a Diplomática, a História, a Administração. Entretanto, outras áreas vêm sendo imbricadas com a mesma, tais como, a Informática e até a Literatura. Nesta edição iremos privilegiar textos que mantêm um nexos com a área de Letras, ou seja, como os arquivos e a Arquivologia podem intertecer com esta área através dos arquivos pessoais de literatos, políticos e pessoas ilustres da sociedade.

Vemos nos arquivos pessoais as cartas que são emitidas e recebidas entre literatos, políticos e até pessoas comuns, diários que são escritos cotidianamente, contando fatos íntimos e sociais. No texto “Arquivo Filinto de Almeida: o arquivo pessoal em sua complexidade na Academia Brasileira de Letras – ABL” a aluna Lorena dos Santos Silva, do 5º período, do Curso de Arquivologia, da Universidade Federal Fluminense – UFF, trata da sua experiência como estagiária nessa instituição com os arquivos administrativos, funcionais e pessoais, mas em particular dando enfoque ao arquivo do literato Filinto de Almeida, suas relações pessoais, com a família e com outros literatos. A documentação foi doada por seu neto Cláudio Lopes de Almeida entre os anos 2008 e 2010, foi encaminhada para o Núcleo de Conservação, a fim de procederem à higienização e pequenos reparos, e logo após, quando da identificação do material encontraram dificuldades quanto às tipologias encontradas e o seu tratamento técnico.

No texto de Bruno Ferreira Leite, “Os documentos digitais e a Arquivologia”, Mestre em Gestão de Documentos e Arquivos (PPGARQ/UNIRIO), Arquivista da Empresa Brasil de Comunicação - EBC, encontramos uma reflexão sobre os desafios dos documentos digitais a partir de meados do século XX, com autores que trataram do assunto no Brasil e no exterior, e seus reflexos na Arquivologia Contemporânea. O autor mencionou a Câmara Técnica de Documentos Eletrônicos, do Conselho Nacional de Arquivos – CONARQ, no Brasil, e o *International Research on Permanent Authentic Records in Electronic Systems (Interpares)*, da Universidade de British Columbia, no Canadá, liderado pela Arquivista e Historiadora italiana Luciana Duranti, como exemplos de experiências e tratamento técnico de documentos digitais. Os arquivos digitais passaram a promover novas perspectivas de acesso e novos públicos de usuários.

Nesta edição trazemos ainda o texto de Rogério Marques de Paiva, Arquivista pela UNIRIO, Mestre em História Social pela UFF, na Seção Inspirações Arquivísticas: “Monstros, Mutantes e Arquivos”, que reflete um pouco sobre as relações de dominação e controle da Inglaterra do período vitoriano com relação aos seus impérios coloniais. Como esse poder simbólico foi exercido dos povos colonizadores aos colonizados através das obras de ficção, de suspense e terror ligados aos vampiros e monstros, e como essas histórias se refletem nos arquivos, que se constituem em elos ideológicos e culturais entre os países.

Não deixem de ler a Agenda deste período com os principais eventos da área!

EDITORIAL | MATÉRIAS | AGENDA | EXPEDIENTE | INSPIRAÇÃO



página 1



páginas 2 e 3



página 4





ARQUIVO FILINTO DE ALMEIDA: O ARQUIVO PESSOAL EM SUA COMPLEXIDADE NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Lorena dos Santos Silva¹

A Academia Brasileira de Letras é uma instituição que tem como atividade-fim “a cultura da língua e da literatura nacional” (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 1897, p. 19-20) e o arquivo, juntamente com sua equipe são mediadores para realização de tal objetivo. Estagiar na mesma proporciona o contato direto com arquivos administrativos, funcionais e pessoais, que será o cerne da discussão apresentada no texto. Entende-se arquivo pessoal como:

[...] o conjunto de papéis e material audiovisual ou iconográfico resultante da vida e da obra/atividade de estadistas, políticos, administradores, líderes de categorias profissionais, cientistas, escritores, artistas etc. Enfim, pessoas cuja maneira de pensar, agir, atuar e viver possa ter algum interesse para as pesquisas nas respectivas áreas onde desenvolveram suas atividades; ou ainda, pessoas detentoras de informações inéditas em seus documentos que, se divulgadas na comunidade científica e na sociedade civil, trarão fatos novos para as ciências, a arte e a sociedade (BELLOTTO, 2004, p. 266).

A instituição possui duas linhas de acervo: o Arquivo Institucional, documentos administrativos e funcionais referentes as atividades-meio e atividades-fim, e o Arquivo dos Acadêmicos, documentos pessoais dos membros que pertencem ou pertenceram à ABL. O arquivo pessoal dos acadêmicos pode ser doado em vida pelo próprio titular, por seus herdeiros ou colecionados ao longo do tempo pela própria instituição. Pesquisadores de diversas áreas do conhecimento e de vários níveis de formação bus-

cam respostas que confirmem ou não hipóteses de suas pesquisas. Assim, o arquivo é organizado baseado na teoria arquivística e buscando facilitar futuras consultas.

Para exemplificar a complexidade da organização de um arquivo pessoal, o Arquivo Filinto de Almeida será utilizado, pois possui as características e dificuldades que o profissional poderá encontrar nesse tipo de arquivo. Até 2008 já existia em custódia da ABL documentos colecionados pela instituição sobre Filinto de Almeida. Porém, nos anos de 2008 e 2010, Cláudio Lopes de Almeida, neto do acadêmico, doou vasta documentação pertencente ao mesmo. Dentre as doações encontram-se documentos produzidos, recebidos e acumulados por diferentes indivíduos, como Filinto de Almeida, sua esposa Júlia Lopes de Almeida e sua filha Margarida Lopes de Almeida. Além disso, existem espécies documentais e tipos documentais, que por constituírem um arquivo pessoal, encontram dificuldade na sua identificação tipológica. Após as doações, os documentos foram encaminhados ao Núcleo de Conservação para higienização e possíveis reparos. Ao retornar ao Arquivo, realizou-se identificação preliminar de cada item documental, registrando os aspectos básicos, como datas, locais, autores, número de páginas para documentos textuais e processos fotográficos para documentos iconográficos. Terminada essa atividade, cada item documental foi acondicionado respeitando-se os gêneros documentais.

Para iniciar a organização do arquivo foi realizado um estudo sobre a trajetória pessoal e profissional de Filinto de Almeida para compreender suas relações, funções, atividades e interesses. Cada item documental foi lido e interpretado, registrando o conteúdo e as informações, para que assim, pudesse ser pensado e proposto um arranjo documental. A etapa de elaboração do arranjo está sendo a mais complicada, pois diferentemente dos arquivos administrativos e jurídicos, os arquivos pessoais possuem características únicas que dificultam a classificação pelo profissional. Essas particularidades não os excluem de seu caráter arquivístico, ao contrário, desafiam os arquivistas a pensarem metodologias que respeitem as especificidades do arquivo e da instituição custodiadora.

Não coube a esse texto demonstrar quais tipos documentais foram identificados no arquivo Filinto de Almeida, pois o processo de organização ainda está em andamento. Este visou apresentar o Arquivo da Academia Brasileira de Letras, expor a complexidade de organização do arquivo pessoal e discutir a afirmação de seus documentos como arquivísticos, visto que são resultados de atividades desenvolvidas no decurso natural da vida.

¹Graduanda do 5º período da Escola de Arquivologia da Universidade Federal Fluminense e Estagiária do Arquivo dos Acadêmicos da Academia Brasileira de Letras.

Agenda Outubro / Novembro / Dezembro

De 27 de outubro de 2015 a 10 de janeiro de 2016 VISÕES DO RIO ANTIGO. Organização: Serviço de Arquivo Histórico e Institucional da Fundação Casa de Rui Barbosa. http://www.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID_S=168

XXVI JORNADA ARQUIVÍSTICA - Dimensões Normativas da Arquivologia Contemporânea. De 16 a 18 Novembro às 18h. UNIRIO.

O Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB), ligado à Fundação Casa de Rui Barbosa, promove a Mostra

Comemorativa dos 70 anos de *A Rosa do Povo*, de Carlos Drummond de Andrade. A exposição estará aberta ao público nos dias 28 E 29 de outubro E nos dias 3,4,5 E 6 de novembro das 10 às 17h30. Entrada é franca. http://www.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID_S=169



OS DOCUMENTOS DIGITAIS E A ARQUIVOLOGIA

Bruno Ferreira Leite¹

O campo arquivístico passou por um forte impacto tecnológico que teve sua gênese em meados do século XX: o surgimento dos documentos digitais.

O desenvolvimento tecnológico capitaneado por instituições militares ao longo das duas guerras mundiais só passou a ser mais largamente utilizado nas residências e estações de trabalho na década de 1980. De acordo com Rosely Curi Rondinelli (2005), este também foi o período de surgimento das redes de computadores, regionais e globais.

Esta forma, tal desenvolvimento tecnológico produziu impactos na forma de como trabalhar com as informações, inclusive com os arquivos, tendo em vista o surgimento dos documentos nascidos digitais, além da possibilidade de digitalização de documentos convencionais.

Neste contexto de aprofundamento dos impactos da tecnologia da informação e comunicação sob o campo arquivístico, conforme ressalta Rondinelli, os arquivistas não souberam acompanhar as mudanças em um primeiro momento. Contudo, tal panorama começa a mudar na década de 1990.

Neste período Charles Dollar (1990) apresenta três aspectos da tecnologia da informação e comunicação com as quais ainda estamos nos habituando a lidar, que são as naturezas mutáveis dos suportes da informação; dos processos e fluxos pelos quais elas

trafegam; e das demandas, sempre impelindo sobre os processos.

Com relação às tentativas de solucionar questões advindas da massificação da produção de documentos arquivísticos digitais, o Conselho Internacional de Arquivos (CIA), buscou tratar sobre o assunto por meio de comitês, congressos e publicações. O tema também começa a aparecer na produção de conhecimento arquivístico nacional a partir dos anos 1990 com autores como José Maria Jardim, Anna Carla Mariz, Vanderlei Batista dos Santos, Rosely C. Rondinelli, dentre outros.

Em 1989, Luciana Duranti e outros pesquisadores, iniciam um projeto focado no estudo visando à proteção da integridade dos documentos digitais que, em 1997, em sua segunda fase, torna-se o conhecido projeto *International Research on Permanent Authentic Records in Electronic Systems (Interpares)*.

CONARQ passou a atuar expedindo resoluções e orientações que auxiliam os profissionais que trabalham com os arquivos digitais, especialmente por meio de sua Câmara Técnica de Documentos Eletrônicos (CTDE). Uma de suas principais publicações a respeito é o modelo de requisitos para sistemas informatizados de gestão arquivística de documentos, conhecido como e-ARQ Brasil.

Desde então o campo arquivístico tem contato com mais iniciativas acadêmicas e institucionais para resolver questões relativas aos documen-

tos digitais, levando em consideração que vivemos com duas realidades atualmente: a dos documentos nascidos digitais e a dos documentos “convencionais”, que poderão ou não ser digitalizados. Com a proliferação dos documentos digitais, é importante atuar na definição de requisitos dos sistemas de gestão, no padrão do formato do documento digital, no fluxo pelo qual ele passará, no gerenciamento de cópias de segurança, na atualização periódica de hardwares e softwares, etc. Terry Cook (2000), neste contexto, alega que a preservação deve ser pautada mais na migração dos documentos e arquivos que na manutenção do originais, tendo como premissa a manutenção de sua leitura a longo prazo.

Em suma, ao longo do tempo os olhares, as formas de trabalhar com os arquivos, os instrumentos de acesso à informação e, claro, os usuários de arquivos mudaram. Hoje, estamos em um momento em que a possibilidade de produzir documentos digitais, ou digitalizar os convencionais, e trafegá-los por diversas mídias e pela internet proporciona aos que trabalham com serviços arquivísticos grandes desafios, advindos por demandas externas, sejam elas dos seus usuários ou de imposições legais. Contudo, mais que desafios, o campo arquivístico ganha um tema rico para o debate, bem como uma possibilidade como nunca antes houve de ampliar seu público de usuários, proporcionando, inclusive, mais rapidez e comodidade no atendimento.

¹Mestre em Gestão de Documentos e Arquivos (PPGARQ/UNIRIO). Arquivista da Empresa Brasil de Comunicação.



IMA - Inspiração Miscelânea Arquivística™

O Jornal é um periódico bimestral do curso de Arquivologia da UNIRIO. É um canal que estimula a comunicação, o debate, a pesquisa e tornou-se um projeto de extensão graças ao bom trabalho realizado por todos os integrantes da equipe. Os artigos e matérias de seus autores e colaboradores não expressam a opinião ou posicionamento do jornal, nem refletem necessariamente a posição geral do curso de Arquivologia da Unirio. O jornal é distribuído gratuitamente entre alunos e professores, circula pela comunidade acadêmica trazendo comunicação de ótima qualidade para a área arquivística. O IMA tem o apoio do PROExC (Pró-Reitoria de Extensão e Cultura).





MONSTROS, MUTANTES E ARQUIVOS

Rogério Marques de Paiva¹

Thomas Richards em *The Imperial Archive: knowledge and the fantasy of Empire* estabeleceu a relação entre “O Arquivo e o Monstro” e analisou de que forma o Arquivo se transforma em um instrumento privilegiado de sustentação de poder. Com o olhar no contexto histórico da Era Vitoriana, ele questiona a distância entre a autoimagem da unidade do Império Inglês relacionando com a realidade apresentada nas possessões imperiais.

O autor se debruça na ideia da sensação de domínio e controle por parte do homem vitoriano em relação aos territórios (as colônias). Essa sensação de dominação à distância teve como base a produção e a organização sistemática de informações em virtude da inexistência ou escassez de formas realmente efetivas de controle. Com isso em mente e fazendo uso de categorias etnocêntricas as diferenciações são projetadas. Essas categorias são basicamente formas de moldar e enquadrar e por que não, classificar. E deram arcabouço para a implementação de projetos institucionais e coloniais imperialistas.

Dessa forma é firmada uma projeção civilizatória onde o Homem Europeu encontra-se na escala máxima e a cultura do “outro”, do “diferente” é registrada e catalogada com base de sustentação científica. Todo conhecimento produzido é direcionado aos Arquivos Imperiais e a produção e organização de informações a respeito dos territórios do Império auxiliaram na definição de políticas de manutenção do controle.


Richards considerou crucial o momento em que a constituição do “arquivo” substituiu ou compensou um controle efetivo real do Império. Pois quando se detém conhecimento para falar sobre o “outro”, automaticamente o detentor dessa informação se enxerga superior. Ao mesmo tempo a sensação de submissão se interioriza nos corações e mentes dos analisados, desse “outro”.

O autor trabalha com a metáfora e papel do “monstro” no processo informacional. Mas o que ou quem seria esse monstro? Em relação a isso, Richards realiza uma interessante analogia com o clássico “Drácula” de Bram Stoker, o conto de terror que aparentemente impulsiona a presença de monstros na ficção Vitoriana.

O Monstro é o desconhecido, o não-catalogado, um elo atrasado na cadeia evolutiva. No século XIX com os estudos da morfologia na chave evolucionista não havia mais lugar para o monstro, na medida em que, toda forma de vida passou a ser enquadrada num processo de escala evolutiva. Com isso, ao final do XIX, o monstro é encarado como um mutante, então, o Vampiro seria um mutante. E os mutantes nas teorias científicas do final desse século podiam saltar vários degraus evolutivos e produzir novas espécies. Richards percebe a obra de Bram Stoker como a representação de uma revolta colonial em que o Conde Drácula, o monstro, o *outsider* que vive à margem do mundo metropolitano, ingressa na civilização imperial.

O Vampiro é uma criatura sedutora e desconhecida que obriga o homem civilizado a reunir uma série de dados e informações com o intuito de produzir conhecimento e dessa forma, decifrá-lo. Acrescente-se a ideia de que o próprio Drácula é compelido a utilizar-se das regras e normas do mundo metropolitano para deslocar-se e agir.

O monstro finalmente é caçado e exterminado. Richards ressalta que seu ponto fraco não estava somente na sua ineficácia do controle do fluxo de novas informações, mas sim, em sua dependência dos intermediários culturais e físicos de seu deslocamento para o centro metropolitano. Lembremos que a criatura atravessou o oceano até dentro de caixas de madeira contendo terra de seu habitat natural. Drácula não foi capaz de modificar o sistema a seu favor.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO UNIRIO

ESCOLA DE ARQUIVOLOGIA

Expediente

Antonio Rodrigues de Andrade
Bruno Ferreira Leite
João Euripedes Franklin Leal
Rogério Marques de Paiva
Colunistas

Daniel Ribeiro dos Santos
Rosale de Mattos Souza
Revisão

Leonardo Souza Lopes de Barros
Comunicação, Projeto Gráfico e DTP

Jéssica Vaz
Divulgação

Rosale de Mattos Souza
Coordenadora Geral do Projeto Comunicação e Marketing da Arquivologia

Periodicidade da publicação
BIMESTRAL

Envie seu texto para nós!
inspiracaom@gmail.com



Portanto, a existência de um Arquivo substituiria a necessidade de um controle real. Até que ponto isso pode não ser uma utopia? Devemos lembrar que o dado factual em um documento é também algo subjetivo e não uma verdade absoluta.

¹Mestre em História Contemporânea – Uff e Arquivista – UNIRIO
<https://twitter.com/JollyRoger80s>
Email: rogerdepaiva@gmail.com

Criação
LEOFOTOARTE

www.leofotoarte.blogspot.com
t.21.999831126

